

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Os produtores

Ou a história de dois vigaristas que **não** querem fazer sucesso!

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Cláudia Jimenez
Cininha de Paula
Companhia Aplauso
Deborah Evelyn
Felipe Hirsh
Luiz Salem
Miguel Paiva
Pedro Brício
Pedro Paulo Rangel
Suely Franco

Miguel Falabella,
Juliana Paes e
Vladimir Brichta

Em todas as posições

“ Em meus vinte e poucos anos de carreira, joguei em muitos lados desse campo, sempre vestindo a camisa do meu time: o da comédia! Por opção e vocação, faço parte, com muito orgulho, deste escrete.

Na posição de ator, bati bola com os maiores craques da seleção da diversão do teatro brasileiro de comédia. Algumas vezes como artilheiro, outras como centroavante, mas até de ponta direita e esquerda já atuei. Mas durante todo o tempo dessa peleja, venho ensaiando uma nova jogada, ou seja, adentrar o gramado como autor. No passado arrisquei alguns passes, sempre em parceria: com Aloísio de Abreu em *Subversões*, Licia Manzo em *Salada* e Stella Miranda em *Risoto*, balançamos a rede e corremos para o abraço!

Agora é a hora de uma jogada individual, numa nova partida. Eu me sinto meio como o goleiro na hora da cobrança do pênalti, com o agravante de que sou eu mesmo quem cobra a falta. O que me tranqüiliza é que, neste amistoso, batendo bola comigo em campo, conto com o auxílio luxuoso e a garra de Alcemar Vieira. Na retaguarda, estão Stella Miranda, Gringo Cardia, Cao Albuquerque, os irmãos Caldi e Mart'nália, companheiros de outros campeonatos que junto aos novos parceiros que chegaram para essa rodada formam um Über time! Über? Über é uma expressão alemã que destaca o que é mais que demais! O máximo! Pode ser alguma coisa, algum lugar, um jeito de ser, de estar ou de contar!

Über é também o nome de batismo deste meu primeiro texto, que se apropria do termo e amplia o conceito. Uma despretenhosa reflexão por diversos lados: o lado que se vê, o lado que se esconde e o lado que é impossível controlar.

A bola está rolando na arena do Teatro Candido Mendes, em Ipanema.

Posso garantir que se você vier e se divertir, a gente vai ter a certeza de ter marcado um gol! De placa! ”

Luiz Salem, abril de 2008



Pela internet

Um oceano literalmente separa o elenco de *What's Wrong with the World?*, de Julian Maynard Smith e Rubens Velloso. No palco do Oi Futuro, no Rio, ficam Andrea Tedesco, Beto Matos e Marcos Azevedo, que contracenam ao vivo, pela internet, com Sue Hart, Helen Palmia e Thomas Powtill, da Station Opera House, em Londres. Uma peça vivida simultaneamente em dois países, pelo mesmo elenco. No roteiro, reflexões sobre o que é real e o que é virtual.

Circo no Palco

Sob direção de Jorge Fernando, o grupo Irmãos Brothers comemora 15 anos levando acrobacias e palhaçadas ao palco do Teatro das Artes. Em diferentes esquetes humorísticos, o universo circense entra em cena trazendo pernas de pau, malabarismos, monociclo, ilusionismo e números de trapézio. O espetáculo ganhou o Prêmio Jovem Carequinha Funarte, de 2007.

Da teoria à prática

Uma reflexão sobre o teatro, combinando teoria e prática, é a proposta do projeto Três Vezes Teatro, que ocupa o Centro Cultural Justiça Federal durante todo o mês de abril. A programação inclui seminário (sextas-feiras, 18 horas), oficina para atores (também sextas, das 14h às 17h) e a peça *O Animal do Tempo*, de Valère Novarina, com Ana Kfourri à frente do elenco. A direção é de Antonio Guedes. Dias: segundas e quartas, 19 horas.

Interatividade

Cada espectador de *Cuidado com o Cão*, novo trabalho da Companhia do Teatro Íntimo, tem uma responsabilidade além de assistir e aplaudir a montagem. Antes do início do espetáculo, o público recebe lanternas para lançar luz sobre o palco, levando a diferentes apresentações a partir dos pontos iluminados. A peça, de Tarcísio Lara Puiati, com direção de Renato Farias, está sendo encenada na Sede da Cia dos Atores, na Lapa, até o fim de abril.

Pedro Brício

Diamantes e patrocínio

Acabei de dirigir uma peça inspirada na obra do escritor americano F. Scott Fitzgerald, *Fitz Jam*. O espetáculo fala sobre os impasses do capitalismo, os delírios da fantasia, de uma montanha de diamantes que explode. Durante o processo, fiquei pensando muito nessa relação entre arte x dinheiro – tão presente na vida de Fitzgerald e também nas nossas. Fiquei pensando que uma boa peça de teatro é como diamante, que tem seu valor por ser um objeto raro, de grande beleza. Mas como encontrar esses diamantes? Para criá-los e talhá-los precisamos apenas do trabalho, do talento e da sorte, ou é necessário alguém para financiar essa aventura?

Em outras palavras, o teatro precisa de patrocínio para poder existir?

Hoje em dia, sim. Quase nenhuma peça consegue ser produzida e se manter em cartaz apenas com a bilheteria. Deveríamos trabalhar para reverter essa situação. Temos de seduzir o público com as nossas peças para não dependermos tanto dos patrocinadores. E, em relação a eles, precisamos mostrar que o teatro brasileiro é um ótimo investimento – por seu valor cultural e por



DIVULGAÇÃO / TV GLOBO

“O teatro brasileiro é um ótimo investimento”, diz Brício, novo gestor do Teatro SESC da Barra

ter produzido muitos, muitos “diamantes” nos últimos anos.

Daí a importância de formar platéias e atraí-las com espetáculos de qualidade, sem megalomania, mas com investimento no profissionalismo, no critério e na inteligência. É um investimento no longo prazo – coisa rara nesse país – que comprova que o público quer ir ao teatro, mas muitas vezes não pode pagar por ingressos tão caros. Apesar da lentidão nas políticas culturais públicas, acho que o teatro brasileiro vive um momento criativo muito bom. Se conseguirmos aprimorar os nossos modos de produção, em harmonia com o governo e os patrocinadores, temos tudo para levar ao público “diamantes” dos mais preciosos. Torço por isso.”



Nossa Odisséia

O lúdico e o real, a ousadia e a paixão, o mergulho em si mesmo e o reflexo no trabalho coletivo. Com esses ingredientes, a Companhia Aplauso começa a trabalhar seu novo espetáculo

Por Olga de Mello

As viagens de um guerreiro, que enfrenta perigos por vinte anos até voltar para casa, formam a base de *Odisséia*, o poema épico atribuído a Homero, que conta as aventuras de Ulisses, o Rei de Ítaca, aguardado em seu castelo pela fiel Penélope.

Coragem, paixão e fidelidade são alguns dos valores cantados no clássico, que vai

ganhar um aspecto brasileiro em *Nossa Odisséia*, o novo espetáculo que a Companhia Aplauso apresentará, em junho, sob a coordenação de Thierry Trémouroux, que acaba de assumir a direção artística do grupo.

Não há um Ulisses escolhido. “Nem sei se Ulisses será um ator específico ou se diversos meninos e meninas irão mostrar suas diferentes facetas”, diz Thierry, belga

“É impressionante como os alunos conseguem absorver tudo o que é novo sem preconceitos, sem barreiras culturais”.
Lílian Secco, diretora Musical

radicado no Brasil há 16 anos, onde foi um dos fundadores do grupo L'acte – Atos da Criação Teatral.

Viagem íntima

Trabalhando com direção de atores em oficinas e laboratórios na Funarte e na Casa de Artes de Laranjeiras (CAL), esta é a primeira experiência de Thierry com jovens de baixo poder aquisitivo. “O Rio é um choque visual para quem vem de países muito homogêneos, como eu. As cores, a luminosidade, os sons são inebriantes, mas a pobreza cala fundo. Trabalhar diretamente com pessoas que têm uma realidade diferente da juventude dourada da Zona Sul é instigante”, diz Thierry.

“Hoje o grupo mostra outra atitude visual, gestual e até no modo de se vestir”.
Eduardo Gomes, coreógrafo

Os atores da companhia serão instados a não apenas conhecer o texto do poema, mas a intervir em cada linha, criando novos relatos a partir de suas próprias trajetórias. “Quero que cada um conte sua odisséia, que fale um pouco de sua história, suas paixões, suas frustrações, seus lamentos, suas glórias. Ulisses percorre diversos caminhos antes de chegar em casa, passa por tentações, precisa usar de subterfúgios diversos para sobreviver, sem questionamento ou

“O projeto é tão intenso que não acrescenta apenas a eles, mas também obriga o professor a se renovar”.
Christian Landi, preparação de atores

“O aprendizado não é apenas para a carreira artística, mas para a vida”.
Rodrigo Braga, pesquisador musical

juízo moral. Esses meninos, não. A partir do tema “Valores e Virtudes”, que o Galpão Aplauso vem trabalhando, eles se incomodam com as mentiras e os atos de desrespeito que Ulisses comete para salvar a si e a seus companheiros. Vejo isso a partir de reflexões que estamos exercendo”, explica o diretor.



“Refletir sobre afetividade e emoção não é fácil para nenhum jovem da atualidade, mais acostumado a respostas diretas e objetivas, sem aprofundamento em relação aos temas. Nosso projeto tem encontrado muita receptividade, tanto entre os alunos quanto entre os professores, que também vem trabalhando com sensibilização para os valores e virtudes que perpassam diferentes aspectos da vivência. O interesse é grande. Professores e alunos estão engajados, entusiasmados por essa reflexão que promove mudanças na vivência de cada um”

Jacqueline Cavalcanti Chaves, psicanalista e pesquisadora de conteúdo

À flor da pele

Uma das situações vividas por Ulisses e seus companheiros – o fato de só conseguirem escapar do gigante Polifemo depois de cegá-lo – a princípio era vista como um feito audacioso dos gregos, mas passou por uma nova leitura. O elenco entendeu que os gregos invadiram uma propriedade alheia, por isso foram aprisionados. Ao tirarem a visão de seu captor, estão condenando o Polifemo à miséria. A partir deste episódio, a companhia discutiu violência, invasão e a dor de quem é espoliado.

Aprendizado

Os professores do Galpão Aplauso não se limitam ao ensino das artes cênicas, mas seguem um plano de trabalho que, ao longo dos próximos dois anos, desenvolverá atividades que privilegiarão a reflexão sobre valores (verdade, liberdade, justiça) e virtudes (solidariedade, respeito, dignidade, honestidade), levando temas como direitos humanos, justiça social e equilíbrio entre conduta individual e bem-estar coletivo a serem estudados e tratados no cotidiano dos alunos. Noções que serão utilizadas na apresentação de peças. Para melhor entendimento da *Odisséia*, por exemplo, os jovens têm sido estimulados a conhecer a mitologia grega e um pouco de filosofia, tudo com exercícios concretos e lúdicos, relacionados ao dia-a-dia de cada um.

“Queremos desconstruir o aprendizado cênico para procurar a emoção dentro dos atores. A pergunta principal é: ‘o que me emociona?’. Na busca dessa resposta, descobrimos o lúdico, a memória afetiva, e nos apropriamos da vivência particular para formar uma trama coletiva, sem espaço para narcisismo”, conta o diretor.

A primeira parte da jornada dos jovens atores da Companhia Aplauso será mostrada em julho, mas *Nossa Odisséia* poderá e deverá sofrer alterações antes de alcançar um formato final.



“Ao refletir sobre o gesto, os jovens saem de suas referências únicas e pessoais, obtendo o embasamento necessário para incorporar na vida o que a arte está apontando”.

Cristina Novaes, cenógrafa e pesquisadora de conteúdo

“É importante que os alunos percebam que a arte não se limita a um espetáculo, mas a questionamentos de valores e paixões que estão fora do teatro”.

Sophie Sheila Fahri, psicanalista e pesquisadora de conteúdo

Quem são eles

Criada em 2005, a companhia é formada por 50 jovens de comunidades que participaram de oficinas de circo, teatro, dança, música e artes plásticas no projeto Talentos da Vez. São considerados artistas completos, que já somam em seus currículos os espetáculos *5 x Rodrigues & Rodrigues*, *Amazônia, vida e mistério* e *O Mambembe*, além de turnês pelo Nordeste, Centro-Oeste e Alemanha.

“Inserir filosofia na arte é contextualizar a ciência na rotina dos alunos do Galpão Aplauso. Quando trazemos o estudo de mitos e associamos linguagem a eles, estamos articulando a relação entre teoria e prática, o que pode ser direcionado à vida, mas também à evolução profissional. É uma experiência de grande intensidade para alunos e professores!”

Noeli Ramme, professora de filosofia

“O projeto do Galpão Aplauso não se limita a ensinar artes cênicas a jovens. O grande trunfo do projeto é sua continuidade, com o encaminhamento que eles recebem para a carreira artística. E o trabalho não é importante apenas para a vida dos alunos, mas para todos que estão envolvidos neste processo. Para mim é mais que um aprendizado, é algo que me nutre e me integra à realidade de um outro Brasil, do qual eu permaneci distanciada por muito tempo”.

Beth Martins, diretora de circo

Os produtores

Clássico da comédia musical,
sucesso da Broadway chega ao Rio

Por Olga de Mello



FOTO: WILLIAM AGUIAR / DIVULGAÇÃO

Em 1968, um escritor de televisão fez sua estréia como cineasta na direção de uma ácida comédia sobre Max Bialystock e Leo Bloom, dois produtores teatrais vigaristas. O filme *Primavera para Hitler* tornou o diretor Mel Brooks e o ator Gene Wilder os principais nomes da comédia de Hollywood nas duas décadas seguintes. Em 2002, Brooks animou-se a iniciar uma carreira teatral, levando a mesma história – em forma de musical – para a Broadway. *Os Produtores* foi o musical que mais prêmios ganhou em toda a história da Broadway, permanecendo cinco anos em cartaz e contabilizando um público superior a quatro milhões de espectadores.

Na pele de Max Bialystock, Miguel Falabella, que também dirige o espetáculo, incorpora mais um personagem de moral dúbia à galeria de tipos não muito honestos que popularizou na televisão. “Max Bialystock, o produtor picareta, um velho judeu novaiorquino, é igual ao malandro brasileiro. Quando assisti à peça em Nova York, senti vontade de trazer para cá, mas ainda não era velho o bastante para fazer o Max nem tão jovem para viver o Leo. A idade certa chegou e adorei entrar nesse personagem, que já foi interpretado por dois mestres como Zero Mostel, no cinema, e Nathan Lane, no teatro”, diz Miguel Falabella.

Confetes

Vladimir Brichta, que faz Leo Bloom – vivido no cinema por Gene Wilder, e por Mathew Broderick na Broadway – confessa não ser um profundo conhecedor nem espectador de musicais. “O produtor Sandro Chaim me convidou para o espetáculo no segundo semestre de 2006. Topei porque havia visto a montagem argentina e me encantara com o

brilhanismo de Mel Brooks. O personagem foi um grande presente. O Miguel é um ator de grande criatividade, irreverência, carisma e generosidade. O encontro com ele, em uma peça que fala de amizade, é uma das grandes alegrias que já tive no palco”, diz Brichta.

Pródigo em elogios aos companheiros de cena, Falabella diz que Brichta tem total domínio do personagem, ao qual imprime charme, enquanto ressalta a performance de Juliana Paes, que assumiu o papel de Ulla, uma bela dançarina sueca, depois que Danielle Winits engravidou. E acrescenta: “Não apenas Wladimir e Juliana são ótimos. Temos um elenco com mais de vinte atores e dançarinos. O Malcom MacDowell costuma dizer que um ator só pode se considerar grande se consegue se encantar com o colega em cena. Tenho a sorte de contar com um grupo de craques, que sabem fazer arte com prazer. É delicioso ter a oportunidade de apresentar histórias que farão o público sair do teatro cantarolando e com um sorriso nos lábios”.

Miguel Falabella assina a adaptação do musical, coreografado por Chet Walker. A direção musical é de Gerardo Gardelin com Felipe Senna. Alberto Negrin assina os cenários; Fabian Luca, os figurinos. A iluminação é de Jorge Peres. O som, de Pablo Abal.

Superprodução

A versão nacional de *Os Produtores* tem mais de 350 figurinos e 60 perucas – todas de cabelos naturais. Entre atores e profissionais de apoio, o espetáculo conta com uma equipe de 116 profissionais. A estrutura do Vivo Rio foi adaptada para a encenação. A casa ganhou mais 20 varas de iluminação e cenários, para comportar a mega-estrutura da peça. Os cenários ocupam cinco carretas e totalizam uma quantidade superior a 10 toneladas de equipamentos.

O jardim das cerejeiras

Profética, a peça mostra a sociedade russa no início do século, já em processo de mutação

Última peça escrita pelo russo Anton Tchecov, que morreu seis meses depois da estréia, em 1904, *O Jardim das Cerejeiras* provoca reflexões filosóficas e sociais. “Não é uma encenação particularmente difícil. É forte, emocionante, intensa e contemporânea”, diz Moacyr Chaves, que dirige a montagem que estréia no Teatro Maria Clara Machado, com Déborah Evelyn à frente do elenco.

Para o diretor, o texto estava adiante de seu tempo – e até do momento atual: “Não é à toa que este é o último trabalho de Tchecov. A peça estava adiante até do próprio autor. Ele mesmo morreu sem ver as mudanças que estavam para ocorrer, com a queda do czarismo russo, o fim da aristocracia e a ascensão dos socialistas. O próprio Tchecov se mostrava deslocado com a nova ordem social que se aproximava”, conta Moacyr Chaves.

O enredo é aparentemente simples. O Jardim das Cerejeiras é uma propriedade rural de uma família aristocrata falida. A dona das terras, Liúba, e seu irmão, Gaiev, mantêm-se passivos, sem encontrar solução para obter dinheiro. As terras acabam sendo compradas por Lopakihn, um homem que enriqueceu com seu próprio trabalho.

Sem vilões nem heróis

Um dos maiores sucessos de Tchecov, a história, que aponta para os novos tempos na Rússia, falando em direitos dos trabalhadores rurais ignorados pelos aristocratas, tornou-se emblemática para o regime soviético. A viúva de Tchecov, Olga, representou Liúba na encenação com que o Teatro de Arte de Moscou celebrou a capitulação alemã para o exército soviético na Segunda Guerra Mundial.

“O interessante é que a peça não tem vilões nem heróis. Lopakihn não é um grosseirão que ficou rico, mas um filho de ex-servos que tenta ajudar a família. Só que os aristocratas não estão preparados para lidar com outro tipo de vida. A inadaptação para o trabalho é cultivada até hoje pela classe média e pelas elites. Nós também mantemos serviços domésticos, escravos urbanos que nos servem em troca de salários baixos”, diz Moacyr Chaves.

Esta é a terceira montagem de Tchecov da qual Deborah Evelyn participa. A primeira foi ainda como estudante de teatro na Universidade de São Paulo, quando fez *A Gaióla*. Há oito anos, ela atuou em *As Três Irmãs*, sob a direção de Bia Lessa. “Tchecov é recorrente em minha vida e na vida de quem ama teatro. Ele fala sobre a ansiedade do ser humano, sobre nossa pequenez diante da vida”, diz Deborah.

Para todas as horas

Com *O Jardim das Cerejeiras*, Moacyr Chaves inicia o projeto de criar um repertório de peças no Teatro Maria Clara Machado, do qual é diretor. A idéia é que todos os horários do teatro sejam ocupados por quatro peças ao mês. “Ainda não fechamos a programação, mas não queremos apenas evitar a ociosidade dos espaços. O teatro não precisa ser efêmero. Em qualquer grande cidade existe uma programação teatral clássica permanente. É isso que pretendemos ter aqui”, afirma o diretor.

No Natal a gente



vem te buscar

Cláudia Jimenez em uma crônica melancólica sobre a família, o abandono e a velhice

Nos anos 80, depois de correr o Brasil e Portugal com *No Natal a Gente Vem Te Buscar*, Naum Alves de Souza acreditava que não voltaria a encenar a peça, pois o texto ficaria datado. Trinta anos depois, ele perdeu a conta das vezes em que sua peça foi montada, não apenas em países de língua portuguesa, mas também na Argentina, Uruguai, Paraguai e Canadá. Agora, Naum retoma a direção – e os cenários e figurinos – desta crônica melancólica sobre as relações

familiares e o abandono dos idosos, com Cláudia Jimenez vivendo a Solteirona, uma mulher que a família deixa de lado, na Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon.

Balanço

As vésperas de completar 50 anos, Cláudia Jimenez identifica na peça temas que lhe interessam neste momento. “É uma fase da vida em que fazemos uma profunda reflexão sobre o que ficou, o que tem ou não importân-

cia, pois estamos perdendo as referências da infância: morrem tios, avós... Decidi investir em um texto que abordasse esse período, além de problemas universais”, conta a atriz, também produtora do espetáculo.

Partiu de Cláudia e do produtor Marcelo Sabá o convite a Naum para ficar à frente do espetáculo. A nova montagem sofreu poucos cortes. “Enxuguei um pouco do texto caudaloso e repetitivo do jovem dramaturgo, mas nada mudou na estrutura e nas idéias. Tornei-o apenas um pouco mais ágil para as impacientes platéias de hoje”, conta Naum, que considera a peça seu primeiro texto teatral bem sucedido, pois a família “antiga e caipiramente paulistana”, mostrada em cena, contém valores com os quais o público se identifica. “Em 1979, quando Marieta Severo era a protagonista, a montagem tinha um ar mais romântico. Agora, graças ao temperamento de seus intérpretes, houve uma modernização”, diz Naum.

Reencontro

No Natal a Gente Vem Te Buscar foi o primeiro grande sucesso de Naum Alves de Souza. O espetáculo atual conta também com a participação de Analu Prestes, que trabalhou na histórica montagem carioca, há 30 anos: “Naquela época eu estava muito distante da mãe e da tia da Solteirona. Agora, já se passou uma vida. Tenho outra leitura, elas estão bem mais próximas”. O veterano Ernani Moraes, que contracenou com Cláudia na televisão e na peça *Pequeno Dicionário Amoroso*, e Rodrigo Phavanello, este estreando no palco, completam o elenco.

FOTO: ROBERT SCHWENCK / DIVULGAÇÃO

Hoje como antes

No Natal a Gente Vem Te Buscar conta a história da Solteirona, que pensa estar viajando para a casa de uma prima, mas, na verdade, será deixada em um asilo. Para Naum, a Solteirona é um personagem sempre presente na sociedade, não exatamente na figura de uma mulher que não se casou, mas na de algum parente desprotegido pela fortuna. “Ela pode ser cada um de nós. A solteirona representa o medo que sentimos de nós mesmos. Quando velhos, sem forças, nossa geração morta, quem vai cuidar de nós? Se guardarmos dinheiro ou tivermos parentes que nos internem num asilo bem cuidado, ótimo! A Solteirona aparenta pouca inteligência, mas é alguém que quer continuar vivo, que enfrenta a casa de repouso para onde vai sem estar cansada. A vida não foi muito boa para ela, que, apesar de tudo, nem pensa em morrer”, afirma Naum.

Os valores mencionados pela peça continuam vigorando, acredita Naum: “As pessoas ainda se casam, têm filhos, cuida-se da educação no lar, na escola, muitos se apóiam em alguma religião. Há amores, ódios, disputas, trabalho... Apenas aparentemente, a família assumiu novos papéis. Homens podem trocar fraldas e lavar louça enquanto mulheres trabalham, por exemplo, numa oficina mecânica ou em cargos executivos. Mas não mudou nada: os casamentos continuam, os filhos nascem, crescem. A única diferença é que a maioria das relações dura pouco. O ‘até que a morte nos separe’ não passa de uma frase que ninguém leva a sério”.

A literatura é a estrela

***Não Sobre o Amor*
e *Um Homem Célebre* são
adaptados para o
teatro e sobem aos
palcos do CCBB**

Por Olga de Mello

A literatura entra em cena no Centro Cultural Banco do Brasil em abril, com adaptações teatrais de textos que não foram imaginados, originalmente, para o palco. No Teatro 1, Suely Franco estrela o musical *Um Homem Célebre*, baseado em conto de Machado de Assis, sob direção de Pedro Paulo Rangel. No Teatro 3, a correspondência entre dois escritores reflete sobre a solidão, os sentimentos e o exílio em *Não sobre o Amor*, inspirado em romance do russo Victor Shkolovski, adaptado por Felipe Hirsh.

Não Sobre o Amor

A melancolia também atravessa boa parte de *Não sobre o Amor*, que traz trechos das cartas de Victor Shkolovski e Elsa Triolet, com Leonardo Medeiros e Arieta Correa vivendo a dupla de escritores russos. Shkolovski lançou o livro em 1923, inserindo cartas fictícias e criando uma narrativa através da correspondência com sua amiga Elsa, que havia se mudado para a França. Na peça, Felipe Hirsh e Murilo Hauser, diretor assistente, que também assina a adaptação, incluíram a correspondência entre o poeta Wladimir Maiakovski e sua amante, Lylya Brik, irmã de Elsa.

O título da peça vem de um pedido de Elsa a Victor, de que o amor não seja assunto entre eles. “A proibição leva-os a falar de banalidades, da vida e de referências particulares. Tudo, então, passa a soar amoroso. À primeira vista pode parecer uma história de amor, mas essa idéia se transforma, no decorrer dessa relação, em outras idéias. A mulher que nega o seu amor é também a impossibilidade de voltar para casa, são a juventude e autoconfiança perdidas, é a distância do que somos autenticamente”, explica Felipe Hirsch.

Os atores ficam juntos no palco, porém não dialogam. Victor fala para a personagem Alya, o alterego de Elsa, em monólogos. A cena se divide entre a narração das lembranças de Shkolovsky e acontecimentos produzidos por sua mente, onde Alya toma forma. A encenação não-realista é sublinhada pelas projeções e o cenário de Daniela Thomas, parceira de Hirsch desde 2001, quando montaram *Nostalgia*. O cenário inverte os planos de uma casa comum e retira os elementos de seus planos habituais, o que exige esforço dos atores. A cama, cadeira e mesa estão nas paredes e não no piso.



Um Homem Célebre

Ambientado em fins do século 19, época de efervescência política no Rio de Janeiro, então capital do Império, *Um Homem Célebre* conta a angústia de um compositor de polcas que almeja criar peças eruditas com a qualidade de Beethoven e Mozart. Quanto mais ele ganha prestígio e popularidade com sua música, mais deprimido fica, pois percebe que jamais terá o mesmo talento que seus ídolos. “É um conto pouco conhecido de Machado, que trata com a sua ironia característica o drama do compositor, o que nos permitiu montar um espetáculo divertido, apesar da tristeza do protagonista. Este pode ter sido o primeiro momento em que a literatura brasileira refletiu sobre o que depois chamaríamos de indústria cultura – a arte transformada em mercadoria para entretenimento. O compositor sofre pressão de seu editor, que exige novas composições, pois suas polcas são tocadas

em todos os salões de baile da cidade”, diz Pedro Paulo Rangel.

Musicais melancólicos não são novidade nos 50 anos de carreira de Suely Franco, que viveu a cantora Linda Batista na premiada *Somos Irmãs*, encenada há 10 anos, no mesmo CCBB. . “Musical é o que mais gosto de fazer em palco, seja triste ou alegre”, diz Suely, que festeja também o reencontro com Pedro Paulo Rangel, seu amigo e companheiro em diversos trabalhos: “Não poderia deixar passar a oportunidade de comemorar tanto tempo de profissão cantando sob a batuta do Pepê”. O diretor, por sua vez, está completando 40 anos de carreira, com diversas passagens pelo universo da música. “Estudei música, dirigi óperas e até o coral Garganta Profunda”, lembra Pedro Paulo Rangel. A direção musical do espetáculo ficou a cargo de Wladimir Pinheiro, responsável também pela adaptação do conto.



NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

I Love Neide

“Vale a pena deliciar-se com a energia e a interpretação de Eduardo Martini, neste irresistível e engraçadíssimo monólogo”.

Cristiana Oliveira, atriz

Otelo

“A tragédia do mouro de Veneza é, sem dúvida alguma, uma das mais belas peças do repertório mundial. Vale uma ida ao teatro para conferir a genialidade de Shakespeare e o inspirado lago de Diogo Vilela”.

Miguel Falabella, ator



Cuidado com o cão

“É um espetáculo que envolve, instiga e, por meio de atuações corajosas, provoca emoções violentamente delicadas”.

Thiago Mendonça, ator

Como passar em concurso público

“Um texto divertidíssimo, hilariante e muito bem encenado pelos atores do grupo G7, de Brasília, que têm um timing perfeito para a comédia. Riso do começo ao fim”.

Zulma Mercadante, atriz



AMIGAS, PERO NO MUCHO

Comédia. Amigas falam sobre suas dissimulações, devaneios e dores. Texto: Célia Forte. Direção: José Possi Neto. Com Cláudio Fontana, Elias Andreato, Leopoldo Pacheco, Romis Ferreira e Jonatan Harold ao piano. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 23h30. R\$ 50.

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 18h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

BOOM

Jorge Fernando faz um cientista com poderes paranormais, que incorpora diferentes espíritos. Texto: Luís Carlos Góes. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado: 21h. Domingo, 20h30. R\$ 50 (sex. e sáb.) e R\$ 40 (dom.).

CAMILLE CLAUDEL

Tem Sempre Algo de Ausente que me Atormenta. A vida de Camille Claudel e sua paixão pelo escultor Auguste Rodin. Camille é representada pelas atrizes Sandra Calaça, Ingrid Koifman, Luisa Pitta e Maria Calaça. Texto e direção: Sandra Calaça. **Casa de Cultura Laura Alvim – Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2299-5583. Terças e quartas, 21h. R\$ 20.

CAROLINA

A biografia da mulher de Machado de Assis e seu encontro com a morte. Texto: Tarcísio Lara Puiati. Direção: Renato Farias. Com Júlia Rabello, Laura Castro, Marta Nobrega e Sarah Cintra. **Academia Brasileira de Letras** (Av. Presidente Wilson, 203, Centro) Fone: 3974-2500. Terça e quarta, 12h. Entrada grátis.

AS CENTENÁRIAS

Duas carpeideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quintas, sextas e sábados, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 60 (quinta, sexta e domingo). R\$ 70 (sábado).

COMO PASSAR EM CONCURSO PÚBLICO

O grupo Cia de Comédia G7 satiriza a obsessão dos brasileiros pela estabilidade no emprego público, em texto de criação coletiva. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 30.

CUIDADO COM O CÃO

A Companhia de Teatro Íntimo parte de uma nota policial para mostrar como o amor e a violência dividem espaço em um casamento. Texto: Tarcísio Lara Puiati. Direção: Renato Farias. Com Augusto Garcia, Fernanda Boechat, Gabriela Haviaras. **Sede da Companhia dos Atores** (Rua Manoel Carneiro, 10, Lapa) Fone: 2242-4176. Sexta, sábado, domingo e segunda, 20h. R\$ 10.

DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 25.

DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Adaptação do romance de Jorge Amado, em que a viúva Flor volta a se casar, mas continua recebendo visitas do falecido marido Vadinho. Direção:

Pedro Vasconcellos. Com Carol Castro, Marcelo Faria, Duda Ribeiro. **Teatro das Artes** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônica, Leandro Castilho. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui., sex. e dom.) e R\$ 35 (sáb.).

A FALECIDA

O universo do subúrbio carioca e os tipos criados por Nelson Rodrigues ganham destaque na história de Zulmira, tuberculosa que planeja seu funeral nos mínimos detalhes. Direção: João Fonseca. Com Rafaela Amado e Guilherme Piva. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 19h. R\$ 20.

FITZ JAM

Os atores Daniela Fortes, Leonardo Netto, Marina Vianna e Renato Linhares pesquisaram os contos do escritor Francis Scott Fitzgerald para mostrar

a festiva Era do Jazz, antes da queda da Bolsa de Nova York em 1929. Texto e direção: Pedro Brício. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1088. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 16.

UM HOMEM CÉLEBRE

O musical baseado em conto de Machado de Assis conta a história de um compositor popular que sofre por não conseguir tornar-se um criador de peças clássicas. Direção: Pedro Paulo Rangel. Com Suely Franco, Júlia Rabello, Laura Castro. **Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro 1** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$10.

I LOVE NEIDE!

Monólogo com Eduardo Martini interpretando uma especialista em autoajuda e sua trajetória em um programa de televisão. Texto de Pablo Diego e Marcelo Saback. Direção: Eduardo Martini. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (sex. e dom.). R\$ 60 (sáb.).

O JARDIM DAS CEREJEIRAS

O clássico de Anton Tchecov mostra a decadência de uma família de aristocratas russos no fim do século 19. Direção: Moacir Chaves. Com Deborah Evelyn, André Stock, Cláudia Sardi-

nha. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

LUCIO 80 30

Um velho ator ensaia uma peça no quarto do hospital, onde espera o resultado de exames de saúde. Texto e direção: Lucio Mauro Filho. Com Lucio Mauro, Lucio Mauro Filho, Alexandre Barbalho e Luly Barbalho. **Teatro Leblon** – Sala Tônia Carreiro (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.). Até 4 de maio.

MAMÃE NÃO PODE SABER

Uma família que vive de aparências entra em pânico com a iminente visita da mãe, que mora em outra cidade e pensa que o genro é o prefeito do Rio de Janeiro. Texto e direção: João Falcão. Com Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30 (qui. e sex.). R\$ 40 (sáb. e dom.).

A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre uma mulher que, no século 10 antes de Cristo, foi uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com



Inês Viana. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2264-9895. Terça e quarta, 19h30. Quinta, 17h. R\$ 40.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Texto e interpretação de Paulo Gustavo. Uma mulher aposentada e sozinha procura o que fazer, já que seus filhos em breve não necessitarão mais de seus cuidados e atenção. Direção: João Fonseca. (60min). **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2264-9895. Quinta a sábado, 21h30; domingo, 20h30. R\$ 50.

NÃO SOBRE O AMOR

A relação por cartas entre escritores. Texto: Felipe Hirsch e Murilo Hauser, baseado na obra de Viktor Shklovski. Direção: Felipe Hirsch. Com Leonardo Medeiros e Arieta Correa. **Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro 1** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quinta, sexta e domingo, 19h. Sábado, 18h e 20h. R\$ 10.

NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR

Mulher pensa que vai morar com uma prima, mas a família decide interná-la em um asilo. Texto e direção: Naum Alves de Souza. Com Claudia Jimenez, Rodrigo Phavanello, Analu Prestes e Ernani Moraes. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra**. (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone:

2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$70 (qui., sex. e dom.) e R\$80 (sáb.).

ONDE VOCÊ ESTAVA QUANDO EU ACORDEI?

Cristina Flores e Márcia do Valle vivem duas mulheres que decidem mudar de vida, cansadas da hipocrisia em que estão enredadas. Texto e direção: Sidnei Cruz. **Casa Mercado 45** (Rua do Mercado, 45, Centro) Fone: 8137-8140. Sábado, domingo e segunda, 19h. R\$ 20.

OTELO

O sucesso de um estrangeiro em Veneza atrai a inveja e provoca uma tragédia motivada por vaidade e ciúme. Direção: Marcus Alvisi e Diogo Vilela. Com Luciano Quirino, Diogo Vilela, Reinaldo Gonzaga. **Sesc Ginástico** (Avenida Graça Aranha, 1287, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$ 25.

PÃO COM MORTADELA

A infância e a juventude do escritor Charles Bukowski, em adaptação de João Fonseca e Sacha Bali. Com Gustavo Nunes, Jorge Lucas, Rosanna Viegas e Sacha Bali. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30.

UM PRESENTE DOS DEUSES

Uma História da Índia. A Companhia Travessia Teatro mostra a cultura hin-



du através da dramaturgia tradicional da Índia, com música, cantos e histórias místicas. Texto e direção: Leandro Lobo. **Teatro do Sesi** (Avenida Graça Aranha, 1, Centro) Fone: 2563-4455. Terça e quarta, 20h. R\$ 25.

OS PRODUTORES

O musical de Mel Brooks e Thomas Meehan mostra como dois vigaristas planejam enriquecer investindo em uma peça que tem tudo para fracassar. Direção: Miguel Falabella. Com Vladimir Brichta, Juliana Paes, Miguel Falabella. **Vivo Rio** (Rua Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). Fone: 2272-2900. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 19h. R\$ 30 a R\$ 150.

RÁDIO NACIONAL

As Ondas que Conquistaram o Brasil. Musical de Fátima Valença mostra a importância da Rádio Nacional para a cultura brasileira. Direção: Fábio Pillar. Com Adriana Quadros, André Dias, Cláudia Vignon. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.) e R\$ 40 (sex. a dom.).

SALMO 91

Gabriel Villela dirige a adaptação de Dib Carneiro Neto para o livro *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, que conta a vida no extinto presídio de São Paulo. Com Pascoal da Conceição,

Rodolfo Vaz, Rodrigo Fregnan. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Terça, quarta e quinta, 21h. R\$ 40.

ÜBER

Em quatro histórias curtas, Luis Salém e Alcemar Vieira mostram situações limites que revelam o lado oculto de um suburbano aspirante a playboy, de um cozinheiro que é astrólogo e de um baiano que se muda para a Finlândia. Texto: Luis Salém. Direção: Stella Miranda. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 21h. R\$ 40.

VALENTE!

O encontro imaginário entre Assis Valente, Madame Satã e Carmem Miranda, nos momentos que antecedem o suicídio do compositor. Texto de Anamaria Nunes. Direção Cláudio Villela. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n). Fone: 2547 7003. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30.

WHAT'S WRONG WITH THE WORLD?

Série Play on Earth. Atores no Rio de Janeiro contracenam com um elenco em Londres por meio de conexão da Internet. Direção: Julian Maynard Smith (Londres) e Rubens Velloso (Rio). **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. Terça a sábado, 19h30. Domingo, 16h. R\$ 10.

Braseiro da Gávea

Tradicional restaurante do Baixo Gávea, o Braseiro reabriu depois de um tempo fechado para reforma. Resultado: ficou mais confortável e não perdeu as características de sempre: boa comida, serviço ágil e preço bom. Aliás, que boa combinação essa!

Como entrada, peça as lingüiças, que vêm bem grelhadas e em porção individual. Coma quantas quiser... Na hora do prato principal, lembre-se de que o especial da casa são os galletos, sempre grelhados, sem gordura e saborosos, assim como as picanhas. Eles podem vir com arroz de brócolis, farofa e batatas fritas (as

melhores são em palitos). As farofas também são variadas: simples ou com o que mais você quiser acrescentar. Maravilhosas! Para acompanhar, chopp e caipirinha de lima são duas ótimas opções.

Mas o melhor estava ainda por vir... a conta. Preço muito bom e você vai embora sem cheiro algum de gordura. Vale mesmo uma ida lá!

Curiosidade: o lugar é conhecido como ponto quente de azaração, por conta dos muitos jovens que ficam do lado de fora bebendo e paquerando...

Praça Santos Dumont, 116, Gávea. Fone: 2239-7494

Pizzaria do Supermercado Zona Sul

Você vai achar que está lendo errado, mas é isso mesmo: atualmente, uma das melhores pizzas está no Zona Sul, o supermercado “chiquinho” da Cidade. As pizzas são fininhas, com massa crocante e recheios deliciosos, feitas na frente do cliente com a cozinha exposta para você acompanhar tudo. Tem mesas confortáveis e bons vinhos, que podem vir em taça ou em garrafa.

Dependendo da hora e do movimento, eles até levam a pizza nas mesas para você. Um excelente programa para depois do teatro.

Rua Dias Ferreira, 290, Leblon. Fone: 2259-4699



Um exército de mulheres em guerra, vividas por quatro homens, invade o Teatro do Leblon...

Por Olga de Mello



FOTO: PASCHOAL RODRIGUEZ / DIVULGAÇÃO

Amigas, pero no mucho

A eterna animosidade entre mulheres, que se odeiam mesmo quando se amam, só pode ser compreendida por quem vive no universo feminino, certo? Não para os atores Cláudio Fontana, Leopoldo Pacheco, Elias Andreato e Romis Ferreira, que interpretam quatro personagens femininas na comédia *Amigas, pero no mucho*, primeira incursão da jornalista e produtora teatral Célia Regina Forte na dramaturgia. A peça, depois de uma temporada de nove meses em São Paulo, chega à Sala Marília Pêra no Teatro do Leblon, onde fica até o fim de maio.

O texto surgiu por acaso, numa noite. Em

cinco dias, estava pronto. “Eu imaginei uma cena, outra veio e a trama toda aconteceu. Queria falar de mães, irmãs, primas, amigas e essas idiossincrasias femininas, aqueles pequenos caprichos, implicâncias, segredos, cumplicidades. E a disputa, claro, porque as mulheres amam e odeiam com muita intensidade. Bem diferente dos homens, que tem uma maneira linear de compreender o mundo, a amizade e o amor”, diz Célia.

Troca de papéis

Embora a temática seja o relacionamento das mulheres, foram os homens que

deram grandes contribuições à peça. Paulo Autran, com quem Célia trabalhou de 1989 até a morte do ator, foi o primeiro a ler o texto. “Ele levou para casa, fez algumas correções, disse o que não funcionaria bem e me entregou, mandando que eu encenasse”, lembra Célia, que, a princípio, marcou apenas uma leitura da peça. Por sugestão do ator Marcelo Médici, homens tomaram o lugar de atrizes para lerem os personagens femininos. José Possi Neto estava na platéia e se entusiasmou com a idéia, concebendo um espetáculo com mulheres vividas por homens.

Geralmente associado a espetáculos dramáticos, Possi não apenas quis dirigir a peça, como desenhou cenário e figurinos. “Adorei esta comédia rasgada, falando sobre mulheres com vidas muito medianas, sem personagens que são uma exceção. Fiz diversos laboratórios para os atores se acostumarem em encarnar mulheres, sem qualquer afetação. Eles não tinham sequer maquiagem ou roupas femininas, mas um traje que se transforma e que marca o crescimento de cada personagem”, conta o diretor.

Filtro masculino

A peça mostra o encontro de quatro amigas que se gostam, mas que também têm constantes desavenças provocadas pelas diferenças nos estilos de vida. Há uma dona de casa, uma executiva, uma mulher mais recatada, outra bastante namoradeira. “Eu não quis desvendar questões psicológicas ou sociais, mas sim mostrar essas estranhezas que as mulheres provocam e que as faz

sofrer. Isso tudo de maneira divertida, mexendo com as histórias de todo mundo que tem mãe, irmã, sobrinha, prima, neta, avó, cunhada, amigas, em geral”, conta Célia.

Os atores fizeram preparação corporal com a coreógrafa Vivian Buckup para aprender os movimentos femininos sem mostrar afetação. “Andar de salto alto foi o mais fácil deste trabalho. É difícil, no início, porque dói, incomoda. Mas em cena, a gente esquece”, diz o ator Leopoldo Pacheco, para quem o universo feminino continua bem diferente do masculino: “Somos atores mostrando as mulheres por um filtro masculino. A situação é cômica desde o início, porque fica muito engraçado ver homens se passando por mulheres. Mas aos poucos o público se esquece dos atores, de rir de nossas figuras, de nossas vozes graves, para se concentrar na história”.



FOTO: P. JOÃO CALDAS / DIVULGAÇÃO



O nosso amor a gente inventa

Dirigida por Cininha de Paula, comédia de Miguel Paiva discute as relações amorosas de três viúvas

Por Olga de Mello

Um velório, três homens, três viúvas. É neste ambiente de dor que Miguel Paiva propõe uma análise bem humorada sobre as relações amorosas, com suas paixões, desavenças, separações, perdas e ganhos, em *O Nosso Amor a Gente Inventa*,

em cartaz no Teatro Vanucci. “O amor que construímos geralmente é diferente do que desejamos, pois normalmente a realidade não tem a ver com idealizações”, lembra Miguel, que escreveu a peça a pedido de Cininha de Paula, diretora do espetáculo.

A idéia surgiu durante uma viagem à Europa de Cininha e da coreógrafa e atriz Stella Antunes, que também atua na peça. “Queríamos montar uma comédia sobre mulheres e a inversão das relações na atualidade, mas sem um tom dogmático, feminista. Decidimos, então, falar com o Miguel Paiva, pelo vasto conhecimento que ele tem do universo feminino”, conta Cininha.

A ligação do autor e da diretora tem mais de duas décadas. Em 1983, Cininha estreou no teatro como atriz em *Pó de guaraná*, peça de Paiva e de Zê Rodrix. Os dois assinavam também o musical *Band Age*, a primeira incursão de Cininha como diretora teatral. “Eu queria um texto que não fosse unilateral. Miguel tem uma visão feminina sem esquecer da figura masculina. O resultado foi um trabalho tão agradável que pouco ensaiamos”, diz ela. “Fazíamos encontros duas ou três vezes por semana. Às vésperas da estréia, aumentamos o número das reuniões. Mas não era ensaio, era uma diversão”.

Nada de príncipes

Arquétipos masculinos não faltam no espetáculo. E todos vividos pelo ator Carlos Bonow, que encarna os homens que entram em cena. Além dos maridos das viúvas interpretadas por Stella Antunes, Luciana Coutinho e Stella Maria Rodrigues, Bonow também faz mais sete homens que surgem na vida e na imaginação das mulheres. Os maridos estão bem longe da imagem de príncipe encantado. Um é advogado, detesta futebol e não quer saber de participar das fantasias sexuais da mulher. Outro é um gol-

pista bem sucedido e mulhengo. O terceiro torce ardorosamente pelo Flamengo, reza com devoção para São Jorge e tem paixão pela Mangueira.

“As semelhanças entre esses homens tão diferentes vão aparecer e levar a situações inesperadas, sempre com graça. O humor mexe com os sentimentos de forma tão eficaz quanto o drama. O público pode ir enquanto percebe que todas essas mudanças que vivenciamos não acabam com o romantismo, que pode continuar independente da evolução”, afirma Miguel Paiva.

Radical e Gatão

Há mais de vinte anos, Miguel Paiva trata dos questionamentos de gênero nas tiras em quadrinhos da Radical Chic e do Gatão de Meia-Idade, personagens que representam dois adultos solteiros, vivendo em grandes cidades. “Graças à Radical, consegui me manter atualizado em relação aos questionamentos femininos, que hoje são bem menos radicais do que há vinte anos. A Radical amadureceu, é menos cínica hoje, mas continua sendo admirada por mulheres de diversas gerações. Já o Gatão, como todos os homens, permanece perplexo”, conta Miguel Paiva, que admite o fascínio pelo mundo feminino: “mas nesta peça fui bem mais generoso com os homens, embora ainda tenha muitas críticas à dificuldade masculina para se desprender da idéia do poder. O elemento autoritário machista ainda está muito presente na sociedade”.

CENA ABERTA

cena aberta

Suely Franco (ao centro) em "Pippin",
1974, Teatro Manchete





Coleção os últimos 9 anos de teatro



Assine Aplauso!



**Assinatura
semestral**

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou
e-mail: comunicacao@aplauso.art.br

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.aplauso.art.br



CUIDE BEM DO PLANETA

RECICLE

NÃO POLUA

NÃO DESPERDICE

A PLAU SO REVISTA